

CARNAVAL NO DESTERRO - SÉCULO XIX

por Thais Luzia Colaço*

A origem do Carnaval ainda não está bem definida. Alguns historiadores consideram-na uma das festas mais antigas da humanidade.

Na antiguidade, entre os egípcios, eram as festas atribuídas à Deusa Ísis e ao Boi Ápis; entre os romanos as bacanais, lupercais e saturnais.

Na Idade Média, existia a "buffonerie", batalha de confetes, ovos, urina e farinha, jogos e disputas; festa dos "dojdos" e dos "inocentes". A Igreja Católica tolerou e regularizou o carnaval, sendo incorporado ao calendário cristão pelo Papa Paulo II.

Na modernidade, na França e Itália, principalmente Veneza, se caracterizava pelos bailes de máscaras e de fantasias.

Em Portugal desde o século XV manifestava-se pelo entrudo, em forma de tiroteios de alimentos, líquidos e pós, empurroes e puxões.

O entrudo, no Brasil, chegou por intermédio dos portugueses. Recebeu reforços com a vinda de D. João VI. Alcançou o auge por vir o exemplo de cima.

Em Nossa Senhora do Desterro, era a brincadeira carnavalesca mais antiga, existindo bem antes de 1832, persistindo durante o século XIX, sendo sua última notícia de 1891.

Acontecia nos três dias antes da quaresma.

Caracterizava-se pela batalha de líquidos como: água, tintura, corrosivos, urina, perfumes e outros; jogo de pós, alimentos e limões-de-cheiro.

Participavam todos, independentemente de sexo, idade, condição social com exceção dos escravos que eram proibidos.

* Historiadora

A prática do entrudo era considerada insalubre, podendo causar uma série de doenças e incidentes.

De acordo com a mentalidade da época, a própria imprensa dava duas conotações ao carnaval: uma era no sentido geral, englobando os três dias que antecediam a quaresma com várias brincadeiras, inclusive o entrudo; outra, mais específica, de influência ítalo-francesa com bailes de máscaras e fantasias.

O entrudo recebeu um combate ideológico e legal. Ideológico, pela imprensa, mostrando seus aspectos negativos, como: atentado ao pudor, à moral, aos bons costumes, à dignidade, à higiene e à saúde; comparava-o à barbárie e ao regresso. Legalmente, as leis municipais tentavam discipliná-lo ou extingui-lo.

O carnaval ítalo-francês recebia todo o apoio, pois era relacionado à civilização e progresso. Caracterizava-o as sociedades carnavalescas e Zé Pereiras.

Impõem-se uma rivalidade entre os dois; o aparecimento de um dependia do desaparecimento do outro. Era o progresso em contraposição ao regresso.

O entrudo, apesar de tudo, persistiu até o final do século, pois conforme notícias veiculadas, em 1891 estava em plena expansão e revigoramento. Era um divertimento popular extremamente enraizado, permanecendo por isso, tanto tempo dentre os costumes do povo, mesmo com as inúmeras tentativas de substituí-lo por outras formas de diversão.

A imprensa e as autoridades apoiavam o surgimento das sociedades carnavalescas. No período de 1858 a 1899, existiram 34 sociedades carnavalescas; número muito grande para um espaço tão pequeno de tempo. A maioria destas sociedades tiveram pouca duração.

Tinham uma diretoria anualmente eleita.

Suas atividades dependiam de muitos gastos, limitando-se a participação nestas de uma camada de melhor poder aquisitivo.

Estas atividades dividiam-se em carnaval de clube e carnaval de rua.

O carnaval de clube era apresentado nos bailes de máscaras e fantasias. Alugavam-se ou emprestavam-se salões de casas particulares, lugares públicos, clubes e o teatro. Estes salões eram ricamente decorados.

O carnaval de rua dividia-se em três partes:

Os Zé Pereiras, grupo de pessoas que saíam às ruas a fazer barulho, anunciavam o carnaval com um mês de antecedência.

O desfile propriamente dito, acontecia nos três dias de carnaval, e recebia toda cobertura policial. Inspiravam-se em motivos satíricos, mitológicos e sérios. Faziam-no a pé, nos carros, ou a cavalo, em sua maioria fantasiados e mascarados, ao som de banda musical.

E, finalmente, o enterro do carnaval, no último dia, onde as pessoas desfilavam ao som de marcha com apetrechos fúnebres como caixões e ossos. As fantasias eram múmias, esqueletos e outros, mas sempre com muita animação.

O povo assistia aos desfiles das sociedades carnavalescas, porém não participava. Vinham muitas pessoas de cidades vizinhas assistir ao carnaval desterrense. Em 1888 estavam presentes 8 a 9 mil pessoas na Praça Barão de Laguna, atual Praça XV de Novembro. O público em geral agraciava o passeio das sociedades jogando-lhes flores.

As duas principais sociedades carnavalescas que tiveram maior duração, de 1879 a 1891, foram a "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" e a "Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos". A primeira, realizava seus bailes no Teatro Santa Izabel, intitulando-o de "Caverna Izabelina", e, a segunda, no "Clube Doze de Agosto", chamando-o de "Paraíso".

A "Diabo a Quadro" era a mais popular e mais crítica, a "Bons Arcanjos", a mais luxuosa e refinada.

Os elementos que compunham as diretorias das sociedades eram: políticos, funcionários públicos, militares, profissionais liberais, comerciantes, intelectuais e outros.

O carnaval de clube era eletizado, sendo limitado a seus associados, com um rígido controle. O carnaval de rua, sem o

povo para prestigiá-lo, não teria graça, apesar de a participação popular ser relativa, não interferindo diretamente nas brincadeiras.

A prática do carnaval "italo-francês" dava um incremento ao comércio local nos meses próximos ao festejo, pois exigia-se o consumo de uma variedade de produtos, sendo na sua maioria luxuosos; o que não acontecia com o entrudo.

O comércio carnavalesco se manifestou de quatro formas:

1. Produção artesanal provinciana caracterizada pela elaboração e venda de limões-de-cheiro; era o mais antigo.

2. Comércio de produtos industrializados importados e nacionais como bisnagas, tecidos, armarinhos e perfumes.

3. Comércio de produtos confeccionados na cidade, como perucas e fantasias.

4. Comércio de fantasias usadas, vendidas ou alugadas.

Aparece como uma atividade paralela às demais atividades econômicas, pouco influenciando na vida econômica do Desterro.

A repressão e controle se fazia por força da lei, da ação policial, da regulamentação interna das sociedades carnavalescas e pela imprensa.

A imprensa era a fiscal dos divertimentos.

Nos dias de carnaval a cidade recebia reforço policial.

Para as pessoas se mascararem tinham que tirar licença na polícia, exceto escravos e marginais que eram proibidos de o fazerem.

As sociedades carnavalescas não só controlavam os mascarados como interferiam nas suas vestes e comportamento.

Parte da população exigia uma ação mais específica no sentido de frear os atos humanos durante os festejos e moldá-los aos seus ideais. A imprensa apelava à eficácia da lei.

O carnaval desterrense no século XIX não era violento, apesar de existir todo um sistema repressivo sob suas atividades.

O Brasil recebia influências culturais da Europa; Desterro, por sua vez, recebia da Corte.

As inovações do carnaval desterrense sofreram influências externas apoiadas e divulgadas pela imprensa, pois quanto mais próximo do carnaval carioca e europeu, mais luxuoso e requintado seria, tornando-se mais "digno de um povo civilizado".

Nos desfiles das sociedades carnavalescas, usava-se a sátira e a crítica, era o chiste de certos acontecimentos da época.

Eram alvos de chacota: a política, a religião, figuras do cotidiano, problemas da província e da capital catarinense, reflexões às transformações do século.

A sátira e a crítica foram indispensáveis e fundamentais ao dinamismo do carnaval. Dava às pessoas o poder de protestar a determinados acontecimentos e lideranças no país.

Ao escravo era vedado uma série de divertimentos, principalmente aqueles ditos dos brancos, em que estavam incluídas as brincadeiras carnavalescas.

A prática do entrudo, ajuntamento para batuques e danças, participação em bailes e uso de máscaras eram-lhes proibidos. Mesmo assim, tiveram várias manifestações no carnaval, arriscando-se a serem presos ou castigados.

A "Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro" foi a líder, no Desterro, do movimento abolicionista, sob a égide de seu diretor Germano Wendhausen. Isto demonstra que as sociedades carnavalescas não mantinham apenas atividades de lazer, mas também, políticas e filantrópicas.

Mesmo com a abolição, o escravo continuou a ocupar a mesma posição social; o preconceito e a segregação continuaram, de morando muito a sua integração. Isto refletiu-se na morosidade da influência negra no carnaval desterrense, mantendo-se intacto aos moldes europeus até o começo do século XX.

Esta pesquisa resgatou o passado do divertimento, possibilitando a ampliação do leque de conhecimentos da sociedade desterrense.

O carnaval estudado foi um carnaval elitista. Em virtude da falta de documentação, pouco se sabe dos pobres e escravos.

Não deve-se encerrar o assunto por aqui, outras fontes poderão ser descobertas, além de que limitamo-nos ao estudo do século XIX e novas discussões sobre o tema poderão surgir.

COLAÇO, Thais Luzia. Carnaval no Desterro - Século XIX. Florianópolis, UFSC, 1988. 219p. (Dissertação de mestrado).